

BANABUIÚ

EDUARDO GIRÃO

Banabuiú — torrente das linfas do céu, no propício e dardivo inverno;

Banabuiú, rumoroso e barrento das primeiras cheias, em cujo dorso flutuam e se vão balouçando ao léu das águas balseiros enxurrados;

Banabuiú das enchentes transbordantes que os carões anunciam das frondes marginais, repisando a mesma toada dolente, no encanto das noites;

Banabuiú bucólico, de branda correnteza, em cujo murmurinho se misturam balidos de ovelhas e mugidos de bois;

Banabuiú de águas remansadas, em que o dia espelha a alegria da claridade e as luzes da noite diluem a tristeza das sombras;

Banabuiú de aguadas criadoras, viveiros fervilhantes de peixes excelentes, alguns da cor nacarada das auroras, e recobertos outros de um primor de escamas, argentinas como os límpidos luas;

Banabuiú de coroas humosas, com os mofumbais sempre floridos e as grandes árvores sempre enfolhadas, avaras de sol e pródigas de sombras;

Banabuiú de ribeiras populosas, onde há ricos e pobres, mas onde toda a gente é humilde e fraterna, nivelada pelo convívio fácil e o labor comum do pastoreio e das lavouras;

Banabuiú, sertanejo e cearense, dos rebanhos mansos e dos pastores vigilantes, nunca desatentos ou rendidos à alternativa da abundância e da miséria;

Banabuiú das alvoradas alegres, com mil pássaros a cantar, e dos poentes tristes, com eles em revoadas, retornando emudecidos ao regaço maternal das moitas perfumosas;

Banabuiú de várzeas planas — berço argiloso da carnaubeira esbelta, de alta copa, aberta em leques simétricos e verdes — líras suspensas a tanger na sinfonia eólica dos ares;

Banabuiú dos inesperados remoinhos, irrompidos ao encontro dos ventos pelas várzeas, súbito embate de invisíveis gigantes — loucos iracundos que se acometem e enfurecidos pelejam, revolvendo pó e areia, folhas e ramos, e indômitos se contorcem e se enovelam e voluteiam, zoando e estrugindo, em ruidosas e turvas espirais, sopradas contra os céus;

Banabuiú de alvas areias, aqui e ali entrecortadas de searas fecundas, abundantes de frutos e sementes, regalo de homens e pássaros;

Banabuiú, velho deus pagão, alongado entre alas sacerdotais de jaramantais e ingazeiras, de oiticicas e umarizeiras, a receber do turíbulo dos ramos o perfume das flores e o incenso das resinas;

Banabuiú, deus magnífico, protetor das plantas e dos animais, bendito pelas estrelas, nas alturas, e a quem, na imponente nave da terra, os ventos entoam exaltações, vibrando, festivos e farfalhantes, nos bastos carnaubais;

Banabuiú — sulco descoberto e prateado das águas que secam, nas férvidas canículas dos estios calcinantes;

Banabuiú — rio e potestade, as tuas águas e as tuas areias, as tuas enchentes e os teus balseiros, as tuas auroras e

os teus pássaros, as tuas auras e os teus remoinhos, as tuas árvores e as tuas searas, os teus poços e os teus peixes, os teus rebanhos e o teu povo, tudo te louva e exalta, tudo te bendiz e glorifica porque és, realmente, magnífico, divino e criador como a Natureza.

Banabuiú da minha terra, rio de minha infância, nunca te esqueci, e não te esquecerei nunca; dentro de mim, porém, estás e continuarás sempre a correr e a marulhar, perenemente cheio das lágrimas inexauríveis da minha saudade”.

BANABUIÚ — afluente da margem esquerda do Jaguaribe, o maior rio do Ceará. Banha a cidade de Morada Nova, onde nasceu Eduardo Girão, e ao contato sentimental de suas águas se fez menino e fez-se rapaz o autor deste poema de saudade. Eduardo Henrique Girão, notável advogado e, na verdade, um jurisconsulto. E também profundo pensador, tendo publicado alguns valiosos livros de Pensamento e máximas. 1882 — 1961.